

Sobre a ética, valores e abraços

A nossa mais elevada tarefa deve ser a de formar seres humanos livres que sejam capazes de, por si mesmos, encontrar propósito e direção para suas vidas.

(Rudolf Steiner)



Angelo P. Campos
Filósofo e psicanalista, consultor educacional, autor do livro de Sociologia da Coleção A Vida é Mais

A palavra ética tem sido largamente utilizada no discurso contemporâneo, atestando, de certo modo, a intensa necessidade e o clamor social por uma conduta humana pautada em valores. No entanto, a cada dia se percebem mais a radical ausência de sentido em tantos usos linguísticos deteriorados, o mero falatório, e o consequente esvaziamento da riqueza semântica e do conteúdo propriamente dito da ética.

As primeiras delimitações conceituais da ética, enquanto "ciência da conduta", surgiram na antiga *polis* grega, de cujos profundos significados somos devedores. Pensar livremente e dialogar publicamente conduz à criação de valores e à compreensão de nossos anseios e necessidades existenciais.

É de conhecimento científico de biólogos e antropólogos que, entre os grandes primatas, como gorilas e chimpanzés, a solidariedade e a fraternidade grassam por natureza: eles sabem acolher, sabem abraçar. No reino humano, em alguns lugares do mundo não se pode mais abraçar ou demonstrar afeto, sob pena de criminalização. Precisamos sair da letargia social em que nos encontramos, na qual o outro e o diferente se afiguram como ameaças. Queremos educar para viver, bem como difundir a urgência da formação de uma cultura de valores humanos e de uma melhor qualidade dos relacionamentos interpessoais.

Considera-se imprescindível, nesse rico momento de elevação científica e tecnológica em que despontam, ao mesmo tempo, os novos paradigmas da complexidade e da transdisciplinaridade, investir na capacitação humana como fator exponencial para a criação de uma sociedade orientada por valores universais tais como a solidariedade, a fraternidade

e a justiça. Valores realizáveis, não condicionados a um sistema que corrói e dispersa a atenção e o significado das ações humanas, reduzidas ao patamar da irresponsabilidade.

Ciência e tecnologia, sustentadas pela lógica capitalista, por um lado, e a educação, sustentada pela indústria cultural, por outro, conduziram a civilização contemporânea a uma crise sem precedentes na história. As consequências dessa crise estão cada vez mais visíveis na degradação ambiental, social e espiritual a cujo ritmo não podemos permanecer inertes. A acelerada produção de bens de consumo acompanha a progressiva decadência de sentido da vida e dos valores. Em contrapartida, a insustentabilidade mesma do sistema em vigor faz brotar nos discursos a demanda por uma nova conduta, a demanda por uma ética.

... a chamada indústria cultural, sustentada no conjunto das várias mídias e do marketing, no viés de resultados manipuláveis, nivela a potencialidade intelectual de milhões de seres humanos a baixos níveis reflexivos...

A ética vem fazer frente à lógica capitalista e à indústria cultural. A lógica capitalista altera a possibilidade da igualdade – ou justa distribuição econômica – pela intencional manutenção da avassaladora desigualdade, uma vez ancorados esses termos no funcionamento da economia de consumo. Por outro lado, a chamada indústria cultural, sustentada no conjunto das várias mídias e do marketing, no viés de resultados manipuláveis, nivela a potencialidade intelectual de milhões de seres humanos a baixos níveis reflexivos, tornando-os desprovidos de mais elaborações críticas, inviabilizando o exercício preliminar característico da ética. Um dos desdobramentos práticos, no que tange aos relacionamentos humanos, é a introdução da impessoalidade, entendida como substitutiva da afetividade, no conjunto das necessárias imbricações dos encontros cotidianos.

A esse respeito, Martin Heidegger acusa a queda do homem contemporâneo nos terrenos da inautenticidade. O homem trabalha, faz ciência, cria obras de arte e se relaciona com o mundo e os outros seres humanos em uma nuvem de vertigens, capaz de mimetizar todas as coisas na borda dos fatos, condensados em um plano utilitário, para o qual se encontram todas as justificativas em um site de buscas qualquer. Essa é a existência reduzida ao interesse irrefreável por tudo aquilo que se apresenta como “novo”, sem jamais provocar a reflexão dos valores aí inseridos. Desse modo é que despontam, todos os dias, no cenário de nossos equívocos, engenheiros que não sabem construir, médicos que não sabem cuidar, professores que não sabem ensinar e, mais trágico, amantes que não sabem amar.

No entanto, por paradoxal que seja, o despertar para a ética exige o enfrentamento da angústia e da finitude de nossa existência neste mundo. Finitude que nos coloca diante da possibilidade de transcendência, pela qual podemos pensar e agir, surpreender, amar, distribuir abraços, ainda que seja unicamente como mera possibilidade. ■

www.avidaemais.com.br